



Psicologia em Estudo

ISSN: 1413-7372

revpsi@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Martins, Simone

Contemporaneidade: uma psicopatia americana?

Psicologia em Estudo, vol. 13, núm. 1, enero-marzo, 2008, pp. 35-42

Universidade Estadual de Maringá

Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122106005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

CONTEMPORANEIDADE: UMA PSICOPATIA AMERICANA?

Simone Martins*

RESUMO. A herança recebida pela contemporaneidade inclui, entre outras características, a racionalidade, as normatizações, a influência da ciência, certa busca por legitimações e uma valorização das permanências. O objetivo deste artigo é questionar alguns desses conceitos tão arraigados no Ocidente utilizando recortes do livro “O psicopata americano”, de Bret Easton Ellis, como ilustração e ponto de partida para refletir acerca de alguns aspectos. A tendência a diagnósticos individuais e a busca por anomalias que sejam respostas a questionamentos de uma sociedade que não se responsabiliza pelas margens que estipula, demonstram a compreensão de que o mal pode e deve ser controlado em favor da cidadania dos considerados normais. Questionar, refletir e se responsabilizar é princípio de mudanças sociais para além da simples repressão do diferente; e perceber que há um pouco deste diferente em cada um é repensar os papéis determinados socialmente.

Palavras-chave: contemporaneidade, capitalismo, psicopatia.

CONTEMPORANEITY: AN AMERICAN PSYCHOPATHY?

ABSTRACT. The inheritance from contemporaneity includes, among other characteristics, rationality, normativeness, influence from science, a certain quest for legitimation and the increasing value given to permanence. Current essay questions some of these concepts rooted in Western Civilization, with excerpts from Bret Easton Ellis's *American Psycho* as an example for starting a reflection on a few aspects. The tendency for individual diagnostics and the search for anomalies as an answer to the questioning of a society that shuns accountability for the boundaries it stipulates, show that evil may and must be controlled in order to protect the citizenship of those who are considered normal. Questioning, reflecting and being accountable constitute the beginning for social changes beyond the mere repression of that which is different. The fact that the different exists in each and every one of us is to rethink socially determined roles.

Key words: Contemporaneity, Capitalism, Psychopathy.

CONTEMPORANEIDAD: ¿UNA PSICOPATÍA AMERICANA?

RESUMEN. La herencia recibida por la contemporaneidad incluye, entre otras características, la racionalidad, las normatizaciones, la influencia de la ciencia, la búsqueda por la legitimación y la valorización de las permanencias. El objetivo de este artículo es cuestionar algunos de esos conceptos tan arraigados en el Occidente, utilizando partes del libro “O psicopata americano” de Bret Easton Ellis, como ilustración y punto de partida para reflexionar sobre algunos aspectos. La tendencia a diagnósticos individuales y la búsqueda por anomalías que respondan a cuestiones de una sociedad que no asume la responsabilidad por las márgenes que determina, demuestran la comprensión de que el malo puede y debe ser controlado en favor de la ciudadanía de los considerados normales. Cuestionar, reflexionar y responsabilizarse es principio de transformaciones sociales más allá de la simple represión de lo diferente. Y percibir que existe un poco de este diferente en cada uno es repensar los roles determinados socialmente.

Palabras-clave: contemporaneidad, capitalismo, psicopatía.

A geração que viveu sua juventude na década de 1980 carregou um rótulo que o passar dos anos não foi capaz de esmaecer: a década perdida. Após os revolucionários jovens dos anos 70 houve grande expectativa para aqueles que, mesmo sem pedir, herdaram um mundo bem diferente daquele

de seus pais: o capitalismo em alta, a tecnologia batendo à porta, o consumismo em cada esquina, o discurso da globalização em voga e a acomodação de uma geração cujas lutas pareciam se tornar cada vez mais individuais.

* Psicóloga. Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina.

Para evitar generalizações há que se contextualizar! Não é objetivo aqui descrever a sociedade contemporânea ocidental em toda a sua história e *glamour*. A proposta é traçar algumas idéias, levantar alguns questionamentos acerca da sociedade americana, especialmente na década de 80. Para ilustrar, faz-se uso de alguns recortes de um livro de ficção que, mais do que criar personagens, descreve a vida de jovens que se tornaram símbolos de uma “década perdida”: “O psicopata americano” de Bret Easton Ellis.

CIÊNCIA X LITERATURA?

A Modernidade destronou a Igreja dos tempos medievais com seu olhar racionalista de mundo. Renascimento, Reforma Protestante, grandes mudanças marcaram os séculos a seguir. No entanto, falar das idades históricas é tarefa polêmica: de qual divisão se fala? Vertentes da História apontam que a Idade Moderna se encerrou muito antes de se falar em pós-modernismo, que a Idade Contemporânea teve início com a Revolução Francesa e foi marcada pelo Iluminismo e positivismo da ciência (Magalhães, 1971). Considera-se, aqui, que o pós-modernismo foi um movimento essencialmente artístico e que a Pós-Modernidade, como um período de rupturas da hegemonia do pensamento positivista, está longe de ser uma unanimidade. É tarefa difícil nomear um momento histórico atual no qual se apresente a olhos vistos tamanha discrepância entre formas de pensar o homem e o mundo; dessa forma, o termo “contemporaneidade” é usado aqui para abarcar o sujeito moderno, num mundo ao mesmo tempo globalizado e repleto de distinções e segmentações, vivendo numa arquitetura (por que não?) pós-moderna.

A contemporaneidade é marcada por essa variedade, por vezes, paradoxal e a ciência é parte essencial nesse período. A literatura de ficção foi, historicamente, alvo de desqualificação pelos cientistas em função do enaltecimento da produção científica. A ciência assumiu o papel de fonte de verdade que os textos cristãos detinham durante a Idade Média e disseminou-se pelo mundo como a resposta desde tempos esperada pelo homem. Crenças na ciência à parte, Santos (2004) aponta que o conhecimento científico adquiriu tamanha importância nessa sociedade por conferir privilégios extracognitivos, sejam eles sociais, políticos ou culturais, para aqueles que os detêm. Dessa forma, tem-se o conhecimento disseminado em pequenos grupos capazes de discernir e compreender os

supostos aspectos verídicos do mundo. A crença na verdade e a presunção de descrevê-la, bem como a elitização do conhecimento, não soam compatíveis com as idéias atuais de globalização, de mundo integrado, de povos compartilhando suas culturas. As críticas à ciência tradicional são diversas e ater-se a elas no presente artigo não se coloca como objetivo. No entanto, a quebra da hegemonia da produção científica como única forma de literatura valiosa pode ser constatada a partir da literatura de ficção, que passa a alcançar validação como forma de retratar aspectos sociais, difundir culturas e instigar o leitor a questionar o mundo ao seu redor. Talvez de uma maneira mais leve do que os textos científicos, talvez por ser mais acessível em sua leitura, a ficção pode servir de utilitário político muito mais do que simplesmente emocionar. A compreensão do termo “político” está aqui, para além da motivação para a escrita de um livro, na construção de um espaço para respostas e perguntas (Bastos, 1998).

Assim, a literatura coloca-se como um método de conhecimento da realidade, representa uma pesquisa sobre o homem e seu mundo sem fazer-se, no entanto, retrato fiel da vida (Bastos, 1998). A vida é trabalhada de forma a construir uma realidade para os personagens; uma realidade literária que contém pontos de apoio no mundo exterior. Como aponta Bastos (2006), é como um espelho que tão-somente reflete aspectos da sociedade, sem reproduzi-la, não possibilitando a crítica e a reflexão acerca de tais pontos.

No caso do livro aqui citado – “O psicopata americano” – o ponto de apoio é a sociedade contemporânea, mais especificamente, a América capitalista, uma realidade comprometida com a perspectiva vivencial daquele que a evidencia por meio da escrita (Bastos, 2006); uma voz que enuncia o cotidiano de uma geração. Bret Easton Ellis tinha 27 anos quando publicou “O psicopata americano” nos Estados Unidos, em 1991, retratando o cotidiano obscuro de jovens norte-americanos nos anos 80 – a década perdida vivenciada pelo autor; uma época em que as crises econômicas, as desigualdades sociais e os processos de exclusão social aumentaram internamente nos países centrais, enquanto nos países periféricos o agravamento das condições sociais tornou-se ainda mais brutal (Santos, 1995). Ao mesmo tempo em que ocorreu essa (des)ordem econômica, a conscientização e mobilização contra a opressão de alguns governos, ideologias e grupos gerou diversos movimentos sociais locais e globalizados – visto que esse foi um momento tanto de quebra de barreiras internacionais quanto de afirmação de territorialidades

e culturas (Santos, 1995); um cotidiano que Bret apresenta repleto de humor negro e que, por conta da exacerbação de alguns detalhes, pode soar como pouco verossímil. Mas as indagações do autor acerca do mundo que ele conhece estão presentes em sua criação, como ele mesmo adverte:

O mundo me influencia. Sou um homem frustrado com os valores da cultura atual, pois as pessoas perderam muito das noções essenciais da vida, tornando-se excessivamente competitivas. Assim, crio personagens a partir da irritação que essa situação me provoca (Ellis, citado por Bonfim, 1999).

“O psicopata americano” foi aclamado pela crítica e condenado por entidades antiviolência, por feministas e pela Igreja – diferentes relações estabelecidas tanto com o livro quanto com o filme nele baseado e lançado em 2000 sob mesmo título (Webcine, 2006). Em *websites* que promovem o debate acerca de lançamentos cinematográficos são encontrados depoimentos tanto de pessoas tocadas e remexidas pela estória quanto daqueles que não compreendem a trama e consideram o contato com a obra um completo desperdício de tempo (Cinema2000, 2006). As opiniões divergem. Nem todos se reconhecem nos aspectos apresentados por essa realidade literária.

INDIVIDUAL X SOCIAL

Onde está, de fato, a polêmica? No que a personagem se assemelha ao sujeito “real” da sociedade capitalista americana? Que questionamentos podem ser levantados a partir disso?

“O psicopata americano” relata a vida cotidiana de Patrick Bateman – com todos os detalhes que, de tão rotineiros, podem passar despercebidos: os exercícios abdominais, o bronzamento artificial, o ritual de cremes e óleos, o culto ao corpo... dezenas de páginas descrevendo os pormenores que a sociedade contemporânea seduz a perpetuar. Um retrato da vida urbana e capitalista a partir da narração de Bateman – um *yuppie* (*young urban professionals* – jovens profissionais urbanos que foram símbolos de uma geração ambiciosa que circulava na *Wall Street* de Nova York). A tecnologia traz novidades a cada dia, tornando obsoletas as máquinas que fizeram sucesso alguns meses atrás – as quais Ellis meticulosamente ocupa-se em descrever com todos os detalhes que o consumismo ensinou. Nos restaurantes da moda as conversas circulam ao redor de preocupações mundiais – a fome na África, a crise econômica no Terceiro Mundo – diálogos com os quais a personagem se preocupa tanto quanto com o modelo

do cartão de crédito com o qual fará a carreira de cocaína no banheiro: sinais da hipocrisia circulante no mundo capitalista globalizado. Essa descrição da personagem possibilita sua identificação com algumas características dos sujeitos contemporâneos: “Bateman é mais um fenômeno do que uma pessoa, um convite para que pensemos sobre o ridículo de algumas de nossas atitudes” (Webcine, 2006).

Se soa fácil concordar com a crítica de Ellis e identificar pessoas e grupos com a personagem principal e seus colegas *yuppies*, a peça-chave do livro e da polêmica causa, por sua vez, repulsa a muitos leitores. Enquanto Bateman representa o protótipo do jovem profissional urbano dos anos 80, entre uma e outra atividade social ele assassina pessoas com requintes de crueldade. Sem um método ritualístico como das grandes histórias de assassinos em série, sem razões socialmente aceitas e declarando o prazer ao obter o êxito, Bateman gera incompreensão em leitores mais “modernos” – e o termo é apresentado aqui entre aspas porque não se refere a um sujeito atualizado, senão a um sujeito dos tempos modernos: sempre em busca de soluções e “verdades” classificatórias. Um sujeito que almeja identificar as causas como para dar veracidade ao fato – ensinamentos da ciência positivista acatados e revisitados até os dias atuais.

Pelas discussões *on-line* citadas aqui, essa influência é facilmente percebida: não são poucos os que dedicam a leitura à procura dos sintomas que o psicopata americano deve apresentar para que, dessa forma, a sociedade esteja protegida dessa “doença”, segura em seus lares por não precisar se preocupar em contrair tal mal, em apresentar tais sintomas. “Para entender a mente de um psicopata, só mesmo um psicopata” (Cinema2000, 2006)... ou alguém que acredite na validade de traçar perfis psicológicos, psiquiátricos e criminológicos daqueles que apresentam comportamentos fora das normas estipuladas pela sociedade. Psicopata? Esquizofrênico? Narcisista? Em qual psicopatia Bateman se encaixa? Qual o diagnóstico e o prognóstico? Os diagnósticos embasados pelos conhecimentos científicos, mais do que para explicar fenômenos, são historicamente usados para rotular sujeitos. Por que não creditar a criminalidade e a loucura a algo que bata às portas dos cidadãos diariamente? São questões que ameaçam a suposta segurança da classificação. Os estudos acerca das psicopatologias têm grande visibilidade não apenas junto aos acadêmicos e profissionais das áreas psi, mas principalmente junto a outros saberes que solicitam explicações a respeito de dinâmicas internas

de indivíduos considerados não adaptados à sociedade moderna. Encontrar em um sujeito um aspecto interno que o diferencie do restante da população proporciona uma espécie de alívio àqueles que se eximem de assumir uma parcela de responsabilidade, aos sistemas que podem afirmar sua isenção em casos isolados, como se um caso considerado isolado fosse um lapso a ser corrigido individualmente, sem comprometer os sistemas que interagem com esse sujeito.

Por outro lado, não se pode deixar de comprometer o capitalismo e sua influência sobre os sujeitos ao ditar suas regras – ironicamente os movimentos que afastaram o homem da opressão da Igreja o aprisionaram a outras maquinarias. O capitalismo não pode ser considerado apenas um modo de produção, mas sim, um processo civilizatório que se desenvolveu, especialmente na década de 80, vinculado ao consumismo, ao individualismo, à cultura de massas e aos estilos de vida enquanto se agravaram as desigualdades sociais e os processos de exclusão nos chamados países do Primeiro Mundo (Santos, 1995). Também Sawaia (1999) aponta repercussões psicossociais dos processos econômico-técnico-científicos do desenvolvimento capitalista, que ao mesmo tempo em que derrubam as fronteiras mundiais proporcionam novas formas de separação ou a remodelação de antigas exclusões. Uma pequena elite afasta-se daqueles que cada vez mais tomam as ruas graças à exclusão econômica e social. O jargão da individualidade transforma a pobreza em culpa individual e não social; assim, em nome de uma identidade as exclusões são legitimadas ao não se reconhecer o outro em suas diferenças (Sawaia, 1999). Até mesmo problemas econômicos são atribuídos ao individual. Culpabilizar um indivíduo é mais fácil do que encarar a própria responsabilidade pela condição alheia, mais fácil do que admitir o posicionamento que legitima os sistemas a que, em prol do “politicamente correto”, se faz crítica...

- Perdi o emprego...
- Por quê? – pergunto, interessado de verdade. – Você andava bebendo? É por isso que foi despedido? Tráfico de informações confidenciais de mercado? Estou só brincando. Não, realmente, você andou bebendo no trabalho?
- (...)
- Estou com fome – repete
- Ouça. Você acha justo tirar dinheiro de pessoas que *têm* emprego? Que trabalham *mesmo*?¹ (Ellis, 1992, p. 161-162) [diálogo

de Bateman com um morador de rua antes de esfaqueá-lo].

De um lado os moradores de rua e de outro os *yuppies* – para cuja descrição Harvey (1992) utiliza Raban, que antes mesmo de 1980, especificamente em 1974, os aponta como vítimas de um sistema racionalizado e automatizado de produção e consumo de massa em que a distinção social se dá pelas posses e aparência. Em “O psicopata americano” são perguntas freqüentes; “Em que faculdade você se formou?” ou “Onde você trabalha?” - como forma de seleção para um convívio no qual os indivíduos buscam sustentar uma imagem perfeita. Uma imagem com cartão de apresentação – passagem do livro que exemplifica quanto o materialismo e a competitividade podem alcançar extremos nem sempre mencionáveis, porém freqüentemente presentes no cotidiano. Bateman apresenta aos colegas seu novo cartão de apresentação e tem início um desfile de modelos, cores, texturas e espessuras que transtornam a personagem principal a ponto de, páginas depois, permanecer divagando acerca dos cartões alheios. Ser o melhor, desprezar o diferente, humilhar sempre que possível, invejar: aspectos de uma sociedade fútil à mercê da impermanência das modas. Uma mistura de códigos que faz valer um imperialismo do gosto, uma hierarquia de valores e significações convencionalizadas que se tornam o sangue vital da cidade urbana (Harvey, 1992); cidade que Harvey (1992) compara a um teatro no qual cada indivíduo pode representar uma multiplicidade de papéis perante o exercício da vontade e da imaginação, muito embora esse espetáculo possa proporcionar uma dissolução da vida social em um caos com “assassinatos irracionais e violência urbana indiscriminada” (p. 17). As previsões catastróficas sobre a criminalidade e toda uma cultura do medo que assola a população colocam em segundo plano a idéia da multiplicidade de papéis; é ainda a busca de um perfil que faz circular termos como “assassinatos irracionais” na busca por um motivo, uma razão que comprove a racionalidade e a coerência do mundo.

Com o positivismo aprendemos a pesquisar, a medir, a classificar – um perfil psicopata deve apresentar os sintomas característicos, como o desrespeito às normas, a propensão a mentir para obtenção de vantagens, impulsividade, agressividade, irresponsabilidade e ausência de remorso (American Psychiatric Association, 1995). Bateman ora se encaixa em um aspecto, ora em outro... e no momento seguinte, não se encaixa em nenhum. Como catalogá-lo se o rótulo de psicopata serial parece não se encaixar como uma luva? Como catalogar tantos

¹ Grifos originais.

outros sujeitos que cometem crimes sem ter o perfil esperado pela sociedade e pela ciência? Como determinar que o desrespeito a normas está necessariamente ligado a um distúrbio individual? E como permanecer utilizando aspectos cada vez mais arraigados, porém disfarçados, no cotidiano das sociedades ocidentais a fim de apontar alguns poucos “anormais”?

“Chego à conclusão de que Patrícia está a salvo esta noite, que não irei inesperadamente puxar uma faca e usar nela só pelo gosto de fazer a coisa (...). Ela tem sorte, embora não haja nenhum raciocínio por trás dessa sorte. Pode ser que esteja a salvo porque sua riqueza, a riqueza de sua família, a protege esta noite, ou pode ser apenas uma escolha minha. Talvez a garrafa de Scharffenberg tenha amortecido meus impulsos ou talvez seja simplesmente porque não quero estragar este terno Alexander Julian. (...) É simplesmente assim que o mundo, meu mundo, se move” (Ellis, 1992, p. 98).

Na ausência de uma psicopatologia para culpar há que investigar uma motivação, um raciocínio, uma coerência ou permanência por trás de suas atitudes. Há um bombardeio diário de sutis determinações para assumir uma identidade imutável, uma obrigação de ser igual a si mesmo o tempo todo. Tradicionalmente, o conceito de identidade remete à unidade de semelhanças e à obrigação de permanência (Maheirie, 2002). A imutabilidade do ser humano é determinada por um conceito que, apesar das transformações que abarcou – somando além da semelhança a idéia de diferença – está arraigado à sociedade que cobra a permanência dos comportamentos: “bons ou maus”, unitários, nunca ambíguos; uma classificação binária que serve para enunciar as diferenças e garantir acesso privilegiado a determinados bens, posições sociais; enfim, uma dicotomia que supostamente legitima inclusões e exclusões dentro das relações de poder (Silva, 2000). E numa sociedade que tende a perpetuar o maniqueísmo e a exclusão, discursos que legitimem esses processos tendem a ser fortes e inseparáveis aliados.

“... há uma idéia de um Patrick Bateman, uma espécie de abstração, mas não existe um eu real, apenas uma entidade, algo ilusório, e embora eu possa esconder meu olhar frio e você possa apertar minha mão (...) *eu simplesmente não estou aqui*². É difícil pra

mim fazer sentido em qualquer nível dado. Meu eu é inventado, uma aberração. (...) Devemos pressupor uma validade para cada modelo de comportamento humano. Você é o mal? Ou é alguma coisa que você faz?” (Ellis, 1992, p. 459)

Os sujeitos não são lineares. De fato, a contemporaneidade proporcionou a fragmentação do indivíduo e o olhar sobre as identidades como bricolagens – não mais fixas e permanentes, mas variáveis conforme as diferentes situações enfrentadas pelo sujeito; não existe um “eu” coerente, mas – como aponta Hall – existe uma cômoda construção histórica acerca da narrativa de um “eu” como identidade unificada (Bruschi, 2003); e é sobre essa identidade que é exercida uma cobrança social. Santos (1995) aponta sua valorização a partir de uma necessidade fictícia para a sociedade, determinando-a como uma ficção necessária ao sujeito – a identidade como seminecessária e semifictícia.

A noção de identidade cai cada vez mais em desuso por remeter – mesmo que de forma não intencional – a algo intrínseco ao sujeito; cada vez mais apresentando sua maior relevância quando encarada como questão política. Sawaia (1999) coloca a busca por uma identidade estando norteadas pelos parâmetros estipulados pela sociedade, numa política da subjetividade. Tal mecanismo pode ser chamado de moderna política das identidades: essas falsas subjetividades que os sujeitos apresentam e que são esperadas pela sociedade que os aprisiona a uma previsibilidade identitária que dá visibilidade e, dessa forma, possibilita o controle pelo Estado contemporâneo (Prado F^o & Martins, 2007).

Os sujeitos estão cercados por essa transparência ilusória que supostamente legítima não só uma coerência em seus atos mas também o prestar-contas de seus comportamentos. No livro, Bateman constantemente revela a seus amigos seus crimes, mas eles não escutam ou simplesmente não acreditam. A contemporaneidade é um misto de tudo isso: o sujeito que confessa da Idade Média, o sujeito que questiona da Idade Moderna e o sujeito que questiona a falibilidade dos conceitos que criou da Idade Contemporânea.

“Minha dor é aguda e constante e não espero um mundo melhor para ninguém. Na verdade, posso desejar muita dor para os outros. Não quero que ninguém escape. Mas, mesmo depois de admiti-lo – e já o admiti muitas vezes, em quase todos os atos que cometi –, e enfrentando essas verdades, não há catarse. Não adquire um conhecimento

² Grifo original.

mais profundo a meu respeito, nenhuma nova compreensão pode ser tirada se eu contar para alguém. Não há nenhuma razão para que conte tudo isso. Esta confissão não significa *coisa alguma*³...” (Ellis, 1992, p. 459-460).

Talvez as confissões sejam supervalorizadas. Foucault (1988) aponta a problemática da confissão: assumir os atos contrários à lei dos homens e da Igreja, confessar o jogo dos prazeres tendo o intuito de cumprir penitência ou se descobrir por meio da interiorização. O homem incorporou a obrigação da confissão a ponto de não percebê-la dentro das relações de poder e utilizá-la como mecanismo de desencargo de consciência, como forma de ser inocentado de seus pecados (Foucault, 1988). Porém essa não é uma premissa para todos – o sujeito situado na contemporaneidade ocidental tem esse (des)privilégio graças a sua herança histórica - uma herança, no entanto, que pode ser recusada; que não é fixa e universal. Não obter pela confissão uma redenção, não encontrar nesse processo “coisa alguma”, é um aspecto daquele que não se deixa aprisionar por esse mecanismo; alguém que renega sua herança, que a questiona. Não é simplesmente alguém que apresente distúrbios comportamentais – como se todo ato não aceito pela sociedade fosse digno de repulsa, arrependimento e perdão; num eterno processo de legitimação das normas sociais.

REALIDADE X CONTEMPORANEIDADE???

Ao final do livro fica a dúvida: Bateman cometeu ou não as torturas e os assassinatos? Foi tudo uma fantasia, uma alucinação? Ou ele ficou impune por não ser reconhecido durante seus atos? (no decorrer da estória ele é confundido diversas vezes com diferentes colegas *yuppies*; justificado pela similaridade de estilos de vida e moda decorrente da produção em massa de sujeitos), Ou ainda, ele cometeu apenas alguns dos assassinatos (dos moradores de rua, taxistas e prostitutas e pelos quais foi reconhecido por colegas das vítimas) enquanto persiste uma fantasia que gira em torno da eliminação de colegas de trabalho e jovens de classe média alta?

Afinal, o que é a realidade? “Trata-se de saber onde e como começa a realidade, onde e como a realidade se transfigura em pesadelo, onde e como o pesadelo se reinstala em nós como forma de uma nova realidade” (Cinema2000, 2006). Teorias a respeito de universos paralelos, sociedades criadas dentro de

computadores, percepções limitadas pelos aparelhos sensórios humanos... não é essa a realidade aqui referida. O questionamento se dá acerca das relações sociais, institucionais, de poder, com as quais os sujeitos estão comprometidos e que freqüentemente são ignoradas no que diz respeito às suas repercussões. Cria-se um mundo encantado onde o céu é lilás e espera-se que uma redoma de vidro sirva de proteção – e tudo o que for cinza-escuro, que fique do lado de fora.

A crítica não é a uma humanidade ingênua, mas que talvez prefira não olhar pro cinza-escuro que criou. Os loucos, os criminosos? Figuras que a sociedade gerou –por questões relacionadas à ordem social e por normatizações, como Foucault apontou no decorrer de seus escritos. Se existem psicopatas americanos – encarcerados ou não – é porque a sociedade assim determinou através de suas regras excludentes. Regras determinadas por leis; idealizadas, justificadas e criadas num jogo de produção no qual os interesses de determinados grupos são defendidos e onde técnicos dos saberes são dispostos de forma a legitimar discursos e práticas relacionadas (Foucault, 1987). É junto à construção da personificação da culpa no outro por meio de criminosos confessos com identidades previsíveis e perfis mensuráveis que se coloca a necessidade de este “problema” ser pesquisado, trabalhado e isolado.

“Eu possuía todas as características de um ser humano – carne, sangue, pele, cabelos – mas tão intensa era a minha despersonalização, chegara tão fundo, que a capacidade normal de sentir ternura e compreensão fora extirpada, vítima de um lento e premeditado aniquilamento. Eu estava simplesmente imitando a realidade, uma tosca imagem de um ser humano, com apenas um obscuro canto da mente a funcionar” (Ellis, 1992, p. 344-345).

Imitar a realidade, entrar nos jogos que a contemporaneidade apresenta, negar a idéia de personalidade estanque, seja ela “boa ou má”: isso se faz tão presente no cotidiano que em algum momento da trama o anti-herói se torna o vizinho ao lado – aquele em quem se confia e com o qual se simpatiza. O assassino frio e o homem carismático se misturam, não há identidade fixa a se odiar. Bateman é um produto concebido pela sociedade de consumo e se apresenta tão vazio quanto ela, enquanto é invejado pelos homens e desejado pelas mulheres (Abbade, 2005).

Não há identidade fixa, os perfis são estipulados pela sociedade, então talvez a contemporaneidade é

³ Grifo original.

que esteja sob mira. “Bateman vive seu próprio sonho americano doentio, que dentro do caos desse mundo, quase faz sentido” (Carole, 1991). Pode-se apontar para a década de 1980 e afirmar que o vazio do consumismo e do capitalismo, que a inconstância, que a fragmentação, que o caos findou pouco depois. Uma afirmativa equivocada. Duas décadas depois ainda se fazem valer o culto à aparência, a obsessão por bens materiais, a supervalorização do *status* social. “As décadas só existem na nossa imaginação temporal. As transformações ocorridas no final da década de 80 entraram de rompante na década de 90 e estão-nos agora em casa” (Santos, 1995) – talvez esses valores contemporâneos tenham sido disfarçados pelos discursos cada vez mais politicamente corretos, mas, ainda que velados, eles não perderam sua força.

“Mais tarde minha brincadeira macabra torna-se amarga e fico chorando para mim mesmo, incapaz de encontrar conforto em nada disso, clamando, aos soluços – Só quero ser amado – amaldiçoando o mundo e tudo o que me foi ensinado: princípios, honrarias, escolhas, moral, concessões, conhecimento, unidade, oração – estava tudo errado, sem qualquer propósito final. Tudo acabou se reduzindo ao seguinte: morra ou adapte-se” (Ellis, 1992, p. 422).

Bateman não é o único “psicopata” do livro – seus colegas *yuppies* freqüentemente humilham moradores de rua enquanto mantêm seu estilo de vida característico. A violência por eles praticada pode não ser tão repugnante quanto as torturas descritas por Bateman, mas os jovens trabalhadores urbanos não poupam esforços para humilhar os que se encontram ao redor – por vezes a violência, que não é restrita ao físico, é esquecida. E se o rótulo de psicopata difundido e estereotipado na contemporaneidade é vinculado à violência física e falta de limites permanentes, esse é um quadro que se compõe bastante tendencioso.

“Talvez o capitalismo seja o verdadeiro psicopata americano” (Aronovich, 2001). Ou talvez o seja a contemporaneidade como um todo – pois capitalismo (como modo de produção e processo civilizatório) e contemporaneidade (como temporalidade histórica e social) encontram-se intimamente entrelaçados. A questão principal parece não ser apenas apontar um culpado, mas se perceber nos dois lados dessa moeda – produtor e produto de uma sociedade paradoxal, fragmentada, globalizada, excludente, integrada, consumista, ecológica, fútil, íntegra, hipócrita, em busca da verdade. Se estão todos dentro desse universo social e se de certa forma compactuam com

ele, então talvez todos sejam – cada um à sua maneira – um pouco psicopatas...

Bem, embora eu saiba que deveria ter feito *aquilo* ao invés de não o fazer, tenho vinte e sete anos e é assim que, umm, que a vida se apresenta num bar ou num clube, em Nova York, talvez em *qualquer lugar*, no fim do século e como as pessoas, vocês sabem, ou aagem, é isto que significa ser Patrick. Para mim, eu acho portanto, bem, yup, uh... - e isto é seguido de um suspiro, um ligeiro dar de ombros e outro suspiro, e acima de uma das portas cobertas pelo drapeado de veludo vermelho no Harry's há uma tabuleta e na tabuleta em letras que combinam com a cor do drapeado estão as palavras “ESTA NÃO É A SAÍDA”⁴ (Ellis, 1992, p. 485).

REFERÊNCIAS

- Abbade, M. (2005). Dvd digno de Patrick Bateman. Em *Almanaque virtual*, 07 de agosto de 2005. Recuperado em 14 de Julho de 2006, de <http://www.almanaquevirtual.com.br/ler.php?id=317&tipo=20&coluna=especial>.
- American Psychiatric Association (1995, 4ª ed.). *DSM-IV: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Aronovich, L. (2001). Somos todos psicopatas. Em *Escreva Lola, escreva*. Recuperado em 14 de Julho de 2006, de <http://www.lost.art.br/lolapsycho.htm>.
- Bastos, H. J. de M. (1998). *Memórias de cárcere, literatura e testemunho*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Bastos, H. J. de M. (2006). *Permanência literária: direções da prática literária na era do multiculturalismo e da indústria cultural*. Recuperado em 02 de Novembro de 2006, de <http://www.odiaetico.hpg.ig.com.br/permanencia.rtf>.
- Bonfim, F. (1999, 30 de novembro). Pop-rock e Bret Easton Ellis. Em *Music Globe*. Recuperado em 14 de Julho de 2006, de <http://www.musiconline.com.br/musicglobe/2003-2005.php?action=shownews&category=&id=22&topid=1535>.
- Bruschi, M. E. (2003). Estudos culturais e pós-modernismo: Psicologia, mídia e identidades. Em N. M. F. Guareschi & M. E. Bruschi (Orgs.), *Psicologia social nos estudos culturais* (pp. 75-94.). Petrópolis: Vozes.
- Carole (1991). American psycho review. In *The Bret Easton Ellis page*. Retrieved July, 14, 2006, from <http://www.geocities.com/Athens/Forum/8506/Ellis/American.html>.
- Cinema2000 (2006). *American Psycho*. Retrieved July, 14, 2006, from <http://www.cinema2000.pt/ficha.php3?id=1806>.
- Ellis, B. E. (1992). *O psicopata americano*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

⁴ Grifos originais.

- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal.
- Harvey, D. (1992). *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- Magalhães, A. (1971). *Enciclopédia Brasileira Globo*. Porto Alegre: Globo.
- Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Em *Interações*, 3(13), 31-44.
- Prado Fº, K. & Martins, S. (2007). *A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s)*. (Artigo submetido à Revista Psicologia & Sociedade).
- Santos, B. S. (1995). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. S. (2004). Introdução. Em B. S. Santos (Org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: "um discurso das ciências" revisitado*. São Paulo: Cortez.
- Sawaia, B. B. (1999). Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Psyke*, 8(1), 19-25.
- Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Webcine (2006). *Notas de produção: Psicopata americano*. Recuperado em 14 de Julho de 2006, de <http://www.webcine.com.br/notaspro/nppsicop.htm>.

Recebido em 11/12/06

Aceito em 15/03/07

Address for correspondence:

Simone Martins. Rua Ivo Reis Montenegro, 51, Ed. Simone, ap. 11, Itaguaçu, CEP 88085-600, Florianópolis-SC. E-mail: smartins27@yahoo.com.br